



Conversações Sobre Política no Espaço Público Virtual: YouTube e os Protestos de Junho de 2013

Maria das Graças Pinto COELHO¹
Lídia Raquel Herculano MAIA²

Resumo

Neste estudo buscamos explorar as mutações paradigmáticas que ocorrem na apropriação discursiva sobre política a partir do uso da internet como espaço público de formação e disseminação de sentidos sobre o universo político. A partir de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, a empiria focaliza o espaço simbólico do YouTube, com o intuito de analisar as discussões políticas estabelecidas nos comentários do vídeo “*Globo e os Protestos*”. Para entender o fenômeno, iniciamos o estudo discutindo o potencial da internet enquanto espaço articulador no engajamento dos sujeitos em questões políticas e em seguida, problematizamos os aspectos que envolvem as práticas de conversação sobre política em redes sociotécnicas, para entendermos quais as regras, lógicas e valores que envolvem as trocas argumentativas evidenciadas nos comentários do vídeo analisado.

Palavras-chave: Espaço Público Virtual. Protestos. YouTube. Conversações Sobre Política. Sociabilidade.

Abstract

This study aims to explore the paradigmatic changes that occur in the discursive appropriation about politics from the use of internet as public space for formation and dissemination of meanings about the political universe. From an exploratory research with qualitative approach, the empirical study focuses on the symbolic space of YouTube, in order to analyze the established political discussions in the comments of the video "Globe and protests." To understand the phenomenon, we initiated a study discussing the potential of the internet as articulator space on the engagement of individuals in political questions and then confront the aspects involving the practices of talk about politics in social and technical networks, to understand what rules, logics and values which involve the argumentative exchanges evidenced in the comments of the video analysis.

Keywords: Virtual Public Space. Protests. YouTube. Conversations about Policy. Sociability.

¹ Doutora em Educação (PPGED/UFRN) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. Introdução

Era junho de 2013 e o Brasil vivia um período de intensos protestos com proporções enormes comparadas a história recente dos movimentos reivindicatórios. O que surpreendia nesses protestos era não apenas a quantidade de pessoas nas ruas, mas também a horizontalidade com que eram organizados e infinidade de demandas apresentadas. Da reivindicação concreta do Passe Livre se passou ao clamor por melhores condições de vida, educação, saúde e serviços públicos de qualidade.

Durante a Copa das Confederações, em um período em que quase sempre acontece festa, alegria, torcida e vibração, o que aconteceu foi uma séria de protestos que contou com a participação de quase dois milhões de pessoas em 438 cidades brasileiras³. Mas, esse movimento começou pequeno e foi adquirindo proporções à medida que a repressão policial aumentava e as imagens de manifestantes sendo agredidos circulavam na internet.

Diante do movimento nacional “contra tudo” – como informavam algumas faixas levadas por manifestantes –, veículos de comunicação nacionais e internacionais se empenharam em buscar e emitir opiniões para cobrir os acontecimentos. No início dos protestos a mídia de massa parecia querer levá-los ao descrédito, reportando com certo desprezo a pauta principal, que seria contra o aumento de R\$ 0,20 na tarifa do transporte público. Buscava, inclusive, esconder e justificar a atuação violenta da polícia contra a militância nas ruas (GOMES, 2013).

Assim, Gomes (2013) comenta que foi determinante o papel desempenhado pelos meios de comunicação – tradicional e digital – para o fortalecimento dos protestos. Isto porque, segundo ele, inicialmente a mídia tradicional adotava uma narrativa que destacava muito mais os atos isolados de depredação do patrimônio público do que a repressão violenta da polícia militar em relação aos manifestantes pacíficos. Enquanto isso, a mídia digital foi fundamental para mobilizar e organizar, de forma espontânea e horizontal, os protestos em diversas cidades.

Sobre isso, Castells (2013) salienta o quão óbvio é o fato de que não é a internet ou qualquer outra tecnologia que se constitui como a raiz dos movimentos sociais. Visto

³ AGÊNCIA BRASIL. Quase 2 milhões de brasileiros participaram de manifestações em 438 cidades. Correio Brasiliense. Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/21/interna_brasil,372809/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2014.

que eles surgem em função dos conflitos e demandas sociais. Entretanto, o autor ressalta a importância da comunicação para a formação e manutenção desses movimentos. Porque é através de redes de comunicação, especialmente as horizontais como a internet, que as pessoas podem se organizar e compartilhar sua indignação quanto ao presente e sua esperança quanto ao futuro. É através dela, também, que sentidos, sobre a realidade social e a ação política, podem ser formados e disseminados.

Nessa perspectiva, destacamos as discussões formadas em torno do vídeo “Globo e os Protestos”⁴. O vídeo foi publicado por PC Siqueira e Diego Quinteiro dia 21 de junho de 2013, um dia após o pico dos protestos, para direcionar a compreensão política acerca do movimento vivido naquele período. Nesse material audiovisual, os protagonistas comentavam, de forma didática, a atuação da emissora de televisão Rede Globo na cobertura dos protestos ocorridos nos dias anteriores e emitiam conceitos sobre as posições políticas direita e esquerda, na busca de apontar a identidade do movimento.

Sobre isso, esquerda ou direita, Norberto Bobbio (2001) apresenta um ponto de partida na reflexão que introduz a frequente rejeição sobre as duas noções na discussão contemporânea sobre política. Para ele, a rejeição da díade sempre vem acompanhada por uma terceira via de argumentação, a saber, o centro moderado entre a esquerda e a direita. O autor ainda salienta que os conceitos “Esquerda” e “Direita” não são apenas expressões de cunho ideológico, mas também “programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e valorações da direção a ser seguida pela sociedade” (BOBBIO, 2001, p.51).

Destarte, os protagonistas do vídeo defendiam que como os protestos começaram clamando pela revogação do aumento da tarifa de transporte público, o que estaria incentivando a inclusão social, logo se tratava de um movimento de esquerda. Contudo, misturavam as teses e falavam também de um viés partidário embora destacando o caráter político dos protestos. Para eles, os manifestantes deveriam rejeitar a cobertura da Rede Globo, que seria uma corporação com viés de direita, e permitir a presença de partidos ligados ao espectro ideológico da esquerda, já que o movimento teria essa inclinação também.

⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UiVDtWb7K48>>. Acesso em: 02 de jul. 2013.

A assistência desse vídeo “Globo e os Protestos” gerou uma série de discussões sobre a atuação dos protagonistas, que discutiam complexas relações políticas de forma simplista. Os comentaristas geraram o debate sobre qual melhor posição política (direita ou esquerda); sobre as nuances da economia capitalista e socialista; sobre o sistema democrático brasileiro e sobre a identidade sociopolítica dos agrupamentos que participaram dos protestos de junho.

O fenômeno nos chamou atenção dado o caráter didático do vídeo, o seu alcance em termos de acessos – em dez dias já havia sido visualizado mais de 1,7 milhão de vezes – e pela pluralidade de sentidos sobre política que passaram a circular no espaço destinado aos comentários. Diante disso, através de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, concentramos esta análise nesse aspecto das trocas argumentativas evidenciadas nos comentários emitidos pelos receptores do vídeo citado.

2. Paradoxos da internet enquanto espaço público

O uso das potencialidades da internet, enquanto espaço público articulador na produção e disseminação de sentidos sobre política, estimula expectativas de aprimoramento da participação cidadã. Wolton (2004, p.511) conceitua o espaço público como sendo não apenas um espaço físico, mas também “um espaço simbólico, no qual se opõem e se respondem os discursos, na sua maioria contraditórios”. Segundo esse autor, o espaço público tem como traço mais peculiar a discussão, que permite aos indivíduos construir suas opiniões por meio das informações e dos valores partilhados em conjunto. Assim, ele constitui o laço político responsável por interligar os cidadãos díspares para que estes possam participar ativamente da política.

Nesse sentido, as redes de internet demonstram relevante potencial para a formação espaços públicos voltados à discussão política. Mas, como afirma Braga (2011, p.102), existem muitas “internets na Internet”. Assim, uma delas precisava ser escolhida. Elegemos o espaço simbólico do YouTube, pela riqueza de conteúdos nele veiculados e por entendermos ser ele um espaço público articulador de encontros com possibilidades para a diversidade discursiva. Visto que, essa mídia permite não apenas a assistência de materiais audiovisuais, mas também o registro e o entrecruzamento das opiniões dos receptores.

Segundo Carlón (2013), o YouTube tem se constituído em nossos tempos como o mais importante meio de comunicação audiovisual depois da televisão. A relevância dessa mídia pode ser constatada por meio de dados coletados pela Comscore em dezembro de 2012⁵. Segundo a pesquisa dessa empresa especializada em análise de dados e estatísticas envolvendo Internet, o Brasil se posiciona entre os dez maiores mercados do mundo, em termos de audiência de vídeos online. O levantamento realizado revelou também que a empresa Google, impulsionada principalmente pela visualização de vídeos no YouTube, ocupou o primeiro lugar no que tange aos sites de vídeos mais acessados, com aproximadamente 39 milhões de espectadores únicos no Brasil. Esse crescimento aponta para possíveis mudanças nas formas como produzimos consumimos materiais audiovisuais.

Assim, as redes telemáticas não apenas permitem e se colocam como meios para o desenvolvimento de práticas sociais, bem como, arquitetam novas práticas – mediante processos de sociabilidade – e reconfiguram velhas ações. Tendo em vista que, a relação dos cidadãos com a informação política adquire outro patamar na rede, devido a diversidade de informações que circulam no espaço virtualizado. Contudo, os efeitos dessa propagação de informações nem sempre é frutífero, dada a falta de controle com que as mensagens são disseminadas na rede.

Proliferam, nas discussões científicas, análises sobre o uso da internet e de suas ferramentas como potencial transformador do cotidiano e de reorganização social. Alguns autores destacam os aspectos positivos desses usos, outros são mais céticos e preferem dar ênfase aos problemas advindos do uso do computador para o campo político. Autores entusiastas da internet – entre eles podemos citar: Castells (2013), Jenkins (2009) e Lévy (1999) – destacam as contribuições advindas do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação. Para eles, a internet contribui para a obtenção de informações não disponibilizadas em outros veículos massivos, amplia nossa capacidade de associação com as pessoas e fornece subsídios para que os cidadãos possam, coletivamente, encontrar meios de solucionar problemas que dizem respeito às próprias vidas.

⁵ A AUDIÊNCIA de Vídeos Online no Brasil Alcança 43 Milhões de Espectadores Únicos em Dezembro de 2012. **Comscore**, 06 fev. 2013. Disponível em: <http://www.comscore.com/por/Insights/Press_Releases/2013/2/Brazilian_Online_Video_Audience_Reaches_43_Million_Unique_Viewers_in_December_2012> Acesso em: 01 ago. 2013.

Destarte, outros aspectos são levantados, tais como: a troca de saberes que conduz à manutenção de uma “inteligência coletiva”; o potencial emancipador da rede que fornece condições para que receptores se transformem em emissores e a formação de comunidades virtuais. Lévy (1999, p.126) ainda comenta sobre a horizontalidade e inexistência de controle no ambiente virtual, e estabelece um tipo ideal de uso social do ciberespaço que se constituiria pela prática da “comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”.

Ainda tangenciando os aspectos positivos da internet, Gomes (2005) ressalta que graças à rapidez, praticidade e superação de barreiras como tempo e espaço, ela constitui-se como ideal à participação política para a atual sociedade civil. Jenkins (2009, p.287), por sua vez, acrescenta que estaríamos presenciando “uma mudança no papel do público no processo político”, de modo que os conduz a “mobilizar a inteligência coletiva e transformar o governo”. Por fim, um outro aspecto comumente celebrado diz respeito à disponibilização de conteúdo na internet que estaria nos proporcionando mais transparência e visibilidade aos assuntos e serviços públicos.

Todos esses autores ponderam, contudo, que não estamos diante de uma “Revolução da Informação” e que é inadequado falarmos das tecnologias digitais em termos de impacto. Lévy (1999, p.21) argumenta que a metáfora do impacto é inadequada porque ela induz ao entendimento de que a “tecnologia seria algo comparável a um projétil”, a um ser autônomo, que teria como alvo destrutivo a cultura ou a sociedade, como se dessas estivesse separada. O que para ele não é verdade, pois para o bem ou para o mal, “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 1999, p.22). São também agentes de transformação da cultura vigente na sociedade, mas só o são a partir dos usos que são feitos dela.

Sodré (2002, p.12), por sua vez, critica os que exaltam o computador como sendo o provocador da “verdadeira revolução do século”. De seu ponto de vista, seria mais correto falar em termos de *mutação tecnológica* que tem como resultado a hibridização de recursos técnicos (rádio, televisão e telefone, todos num só dispositivo) e de formas discursivas (texto, som e imagem). Além disso, se percebe também a aceleração de processos de circulação das coisas no mundo que projeta transformações nas formas de consumo, trabalho, lazer, educação e etc. Mas, para ele, uma problemática importante

reside no fato de que as tecnologias da informação e comunicação trazem consigo a perpetuação de velhas estruturas de poder. Um exemplo disso é o estudo realizado pelos pesquisadores Coelho e Lemos (2013) sobre as representações construídas no Twitter em torno do #ProtestodosPintas, flash mob⁶ realizado por jovens da periferia de Natal-RN em 21 de dezembro de 2013 no Shopping Midway. Na pesquisa, em que foram colhidos 340 tweets, os autores constataram não uma articulação de diversos pontos de vista sobre o protesto, mas sim a reverberação de discursos produzidos por dois perfis relacionados a veículos de comunicação tradicionais: @tribunadonorte e @BlogdoBG. Nesse caso, ao invés da interconexão de sentidos para a construção de diversas representações sobre o #ProtestodosPintas, o que se percebeu foi o fortalecimento de uma mesma visão sobre o evento.

Além dessas questões, ainda outras são levantadas por teóricos que não veem com tanto entusiasmo a contribuição da internet para a participação dos cidadãos na vida política. Começam citando as questões de limitação no acesso: não somente em termos técnicos mas também cognitivos. Sobre isso, Lévy (1999) argumenta que também os avanços na área de leitura e escrita ou da comunicação individual e massiva vieram acompanhados de exclusões, mas nem por isso deixaram de ser válidos. Em palestra realizada no Senac de São Paulo, dia 17 de março de 2014⁷, o autor reconheceu também que ainda precisamos avançar muito tanto na alfabetização tradicional quanto na alfabetização midiática. Também reforçou mais uma vez o potencial da “inteligência coletiva”, que existe não por causa da internet, mas encontra nela condições de ser incrementada.

Essa inteligência coletiva seria fomentada a partir da multiplicidade de saberes e informações que circulam on-line, tornando visíveis e acessíveis questões que muitas vezes não encontram espaço nas mídias tradicionais. Contudo, esse aspecto da amplitude e da inexistência de controle das mensagens que são veiculadas na internet também apresenta problemas, tendo em vista que isso abre margem para a distorção de informações e para a criação ou reverberação de boatos falsos. Em alusão a esse assunto, Habermas (2006) demonstrou preocupação, em palestra realizada em março de 2006 ele

⁶ Mobilização espontânea com o intuito de realizar ações inusitadas para chamar a atenção das pessoas num determinado lugar previamente combinado pelos participantes.

⁷ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=8EKm_Qsq8ck>. Acesso em: 23 mar. 2014.

alegou que: “o acesso descentralizado a histórias não editadas” é o preço pago “pelo crescimento do igualitarismo oferecido pela Internet” (Habermas, 2006 *apud* Delarbre, 2009, p.79).

Além disso, essa proliferação de informações no espaço virtual coloca-nos diante de outro paradoxo: o excesso, e não mais a escassez de dados sobre os fatos, é o problema com que temos de lidar cotidianamente. Como problematiza Papacharissi (2002, p.14-15, tradução nossa), o “acesso à informação não nos torna automaticamente melhor informados e mais civilizados”. De todo modo, acreditamos que é preferível a infinidade de oferta de conteúdos através de múltiplas fontes, mesmo que não possamos dar conta de tantas notícias, do que a limitação do acesso à uma única história, que tende sempre a reduzir a riqueza dos fatos e a impedir-nos de enxergar o mundo com a complexidade que ele possui.

Não obstante, ainda tangenciado os aspectos negativos do uso da internet, Sodré (2002; 2012) demonstra preocupação quanto à possibilidade de monitoramento do fluxo de informações que circulam em rede. Enfatizando os sistemas de exercício do poder que inscrevem suas estratégias de dominação sobre grupos e países inteiros, o autor fala que essa vigilância contínua consolida o domínio exercido não apenas em regimes autoritários, mas também no que ele chama de “tecnodemocracias” ocidentais. No livro “Antropológica do espelho” de 2002, Sodré já comentava sobre o controle subterrâneo operado pelo dispositivo de espionagem global americano, gerido pela rede de inteligência da National Security Agency (NSA). Aqui vale citar o caso do ex-técnico da CIA (Central Intelligence Agency), Edward Snowden, que revelou, em 2013, documentos que comprovam os programas de vigilância adotados pelos EUA para espionar cidadãos americanos e até países da Europa e América Latina. Chegando, inclusive, a interceptar os dados e telefonemas de chefes do governo do Brasil, da Alemanha e de outros países⁸.

Em contrapartida, há de se mencionar que também existem experiências de transparência e visibilidade da gestão política que vão na contramão dessas práticas de monitoramento e controle dos cidadãos. O Portal da Transparência, site que tem como proposta possibilitar que o cidadão brasileiro acompanhe a arrecadação das receitas e a

⁸ Para conhecer mais sobre o assunto, ver matéria do G1: “Entenda o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem dos EUA”. Postada em: 02 Jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

aplicação dos recursos públicos, é um exemplo disso. Criado em 2004 esse portal garante disponibilizar informações sobre a gestão orçamentária dos governos no âmbito Federal, Estadual e Municipal. Assim, é importante salientar que não é “o simples ser moderno [tecnologia digital] que lhe agrega valor social, mas sua inserção numa trama de relações intersubjetivas capaz de dar-lhe um curso transformador” (SODRÉ, 2012, p.174).

Como uma invenção da sociedade, a internet tende a reproduzir e até avigorar tanto as qualidades quanto os problemas existentes nela. São os contrassensos da sociedade que apresentam suas nuances no espaço público da internet. Espaço esse que não é nem ruim nem bom por si só, que não é de todo igual nem absolutamente diferente de outros espaços de sociabilização, mas que apresenta condições para que sejam potencializadas as melhores e as piores expressões da humanidade que a ele se conecta.

3. Conversações sobre política nos comentários do vídeo “Globo e os Protestos”

Quando nos referimos às capacidades de comunicação de um sujeito nos concentramos, sobretudo, nas habilidades declarativas dele, isto é, no modo como o mesmo se expõe com clareza. No entanto, Sennett (2012) salienta que são necessárias à comunicação outro conjunto de habilidades, que dizem respeito ao ato de ouvir. Atentar cuidadosamente para a fala dos outros, interpretar o que disseram, conferir sentidos aos gestos e silêncios: são operações difíceis, mas que enriquecem a conversa, tornando-a mais dialógica e cooperativa. Além disso, essas ações tornam o ato de comunicação mais aproximado do significado do termo, que para Castells (2013, p.11) seria: “o processo de compartilhar significado pela troca de informações”.

Refletimos com isso, que se nas conversações presenciais – em que se pode observar o não-dito, os gestos, os olhares e a entonação – já é complexa a tarefa de se comunicar; quanto mais desafiador será, então, estabelecer diálogos em ambientes virtuais, em que predominam a exposição das ideias de forma escrita? Sabemos que a internet é um meio multimídia, que permite a troca de conteúdos em forma imagética e audiovisual, mas estima-se que 70% de toda a atividade realizada nela consista de textos escritos (BRAGA, 2011). Esse desafio de entender e se fazer entendido pelos outros é cotidianamente aceito pelos internautas que se imbricam em partilhas de signos no

ambiente on-line. Criando, assim, um conjunto de práticas próprias da conversação em espaços virtuais, que os permitem manter alguns diálogos frutíferos e outros nem tanto.

Sobre as lógicas implícitas nos debates, Foucault (2007, p.54) acrescenta que, ao analisar os próprios discursos, “vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva”. Essas regras, regularmente passíveis de serem reconhecidas nos diálogos estabelecidos nas mídias digitais, são obedecidas e reivindicadas como que mediante um acordo tácito conhecido e respeitado pelos sujeitos envolvidos. O autor ainda salienta que não podemos tratar os discursos como mero conjunto de signos, mas sim como práticas, que possuem potencial de formação dos objetos de que falam.

A empiria da pesquisa exemplifica esse conjunto de normas da prática discursiva: nos comentários analisados, que debatem a respeito do conteúdo exposto no vídeo “Globo e os Protestos”, é frequente a crítica aos protagonistas do vídeo por se referirem aos termos “direita” e “esquerda” sem fazer referência ao funcionamento dos sistemas econômicos capitalismo e socialismo em alguns países do mundo. Foucault (2007, p.82) nos explica que nos sistemas de formação discursivas esse apelo às relações a serem estabelecidas com o objeto funciona como uma espécie de regra, que “prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia”. Como vemos no diálogo a seguir⁹:

1. “Eles só não disseram que em países de esquerda, como Cuba por exemplo, até dois anos atrás pra se ter celular precisava de permissão do governo, pra sair do país precisa de permissão, a extrema maioria da população não tem acesso a internet, religião é praticamente proibida, todos os anos várias pessoas morrem tentando ir para o país de direita vizinho, EUA, agora quantos americanos morrem tentando ir para Cuba? Nenhum. (...)”.
2. “Vai se ocupar seu plaboy leigo. Para de se abitolar em novelas da Rede Globo. Não falarei nem da bosta da revista veja pq tu és ignorante”.
3. “Ta lendo muita veja em cara? Cuba está longe de ser um mar de rosas. Mas você esqueceu de dizer o embargo que os Americanos fazem lá. O país está isolado do mundo

⁹ A grafia de todos os comentários postados no vídeo “Globo e os Protestos” e utilizados como exemplo para este artigo, foi mantida tal qual publicada no site, incluindo erros gramaticais.

por conta de um embargo vindo dos EUA desde a guerra fria. E outra, de onde você tirou que a esquerda matou 100 milhões de pessoas? Nunca vi informação mais vaga do que essa”.

Como exemplificado no último comentário, outra prática regular no processo de arguição era a solicitação de dados empíricos que comprovassem os discursos contrariados ou o recurso ao chamado “argumento de autoridade”. Implícito está no jogo do debate que não se pode lançar mão de dados numéricos sem que se mencione as fontes da pesquisa, bem como não se pode atribuir significados a termos complexos sem fazer referência a fontes que embasem aquele argumento. Essas possíveis fontes, nas quais os sujeitos se embasavam para construir seus argumentos, também eram alvo frequente de críticas.

Além disso, nesses debates on-line, as desigualdades inerentes à distribuição das competências linguísticas também são usadas como instrumento de degradação dos sujeitos. Assim, basta, por exemplo, o uso incorreto na grafia de palavras para que o enunciado de um indivíduo seja degradado pelos demais membros do debate. Como se vê na resposta que um usuário destina a outro:

4. “Não dá pra levar a sério um cara que escreve "por min" (...)”.

Existem ainda outras questões que delineiam aspectos problemáticos do uso da internet em conversações sobre temas políticos. Wolton (2003), por exemplo, discorda que haja seriedade nas arenas discursivas da internet. Marques (2006) também enumera uma série de questões, inerentes à discussão política on-line, que poderiam ser empecilhos para a formação de debates realmente frutíferos entre os cidadãos que se encontram fisicamente distantes: é o caso do anonimato proporcionado pela internet, permitindo que regras de civilidade mínimas possam ser facilmente descumpridas, tornando comuns ofensas de todo tipo; os diálogos virtuais não permitem que se perceba a entonação da voz dos interlocutores, podendo gerar assim desentendimentos; como o ato de digitar é mais lento que o da fala, muitas pessoas provavelmente não escrevem um argumento por completo, coisa que o fariam caso se tratasse de um debate presencial. Há ainda a questão

dos discursos preconceituosos e carregados de ódio, que conduz os interlocutores a uma falta de disposição para ouvir o outro.

Mas, mesmo nos contextos de conversação oral, em que os sujeitos se encontram face-a-face, ainda assim, a ânsia em falar, expor as ideias e argumentos, muitas vezes é sempre maior que a preocupação de ouvir o outro. Sennett (2012) cita a expressão “fetiche da afirmação”, cunhada pelo filósofo Bernard Williams (2002), para criticar esse anseio por fazer prevalecer o discurso que se enuncia. Esse fetiche seria “o impulso de enfatizar um argumento como se seu conteúdo tivesse toda a importância do mundo” (SENNETT, 2012, P.31). O problema desse tipo de enunciação não está no fato de se defender uma posição, mas na indisposição em exercer a capacidade de ouvir. Contudo, em nossa empiria, algumas vezes, localizamos raros exemplos de abertura para o diálogo e reflexão sobre pontos de vista diferentes. Como exemplificamos através dos comentários a seguir:

5. “Socialmente falando, essa MANIFESTAÇÃO é de esquerda, sim. As pessoas (no caso, boa parte dos manifestantes) é que não. Aliás, não sabem nem pelo quê estão protestando, que dirá a inclinação partidária dos protestos”.

6. “Não sei não...”

Muita gente estava lá clamando por melhores serviços públicos (em relação à enorme carga tributária brasileira) e contra a corrupção. São bandeiras apartidárias e não-ideológicas”.

5. “Sim, sim. Depois, acabou pendendo pra esse lado também. Mas, o que causou impacto mesmo foi o lance dos R\$ 0,20. E aí é inquestionável. Ah, fora as pessoas que sempre vão para causar sensação nas redes sociais, claro (ou seja, estão ali só pra agregar em número e não em qualidade)”.

6. “Ok, é verdade, mas depois a manifestação cresceu e ganhou novos contornos.

Outra coisa: mesmo as pessoas que não são ‘esquerdistas’ defendem transporte público subsidiado e de qualidade. As exceções são muito poucas, acho”.

Diante das regras subentendidas e reivindicadas pelos próprios participantes dos debates, a conversação pode se tornar infrutífera ou demonstrar potencial para diversificar as ideias que circulam nas redes de comunicação e para aprimorar a qualidade das opiniões sustentadas pelos indivíduos (MARQUES, 2009). Visto que esses precisam mobilizar seus recursos cognitivos a fim de se sobressair no conflito argumentativo com

aqueles que pensam diferente. Altheman, Martino e Marques (2013, p.52) também chancelam o potencial das conversações on-line, ao afirmar que elas permitem aos sujeitos “aprimorar formas de pensar, de formular verbalmente opiniões, interpretar e agir sobre questões políticas que afetam diretamente suas próprias vidas e de outros”.

Esse “estar junto” para discutir política nos mostra que na informalidade das conversações cotidianas os internautas buscam transformar e construir subsídios que nos apresentam possibilidades de compreender e alterar a realidade (MARQUES, 2009). Contudo, é preciso ter em mente que o simples fato de ter acesso aos aparatos digitais não transforma automaticamente o sujeito em um interlocutor pronto para o debate, consciente de sua fala e de sua posição numa determinada relação discursiva, sendo assim, os internautas “se tornam seres de palavra nos momentos em que criam e se engajam em espaços de enunciação conflitiva” (ALTHEMAN; MARTINO; MARQUES, 2013, p.66).

Portanto, não podemos deixar de destacar o potencial da internet em agrupar sujeitos, dessemelhantes e distantes fisicamente, para produzem uma diversidade de discursos referentes à vida política, coisa difícil de se realizar de outra forma. Marques (2006, p.183) salienta ainda que “funcionando mal ou bem, pelo menos o ambiente digital abre a oportunidade para a exposição de opiniões e formação de arenas conversacionais, instâncias antes pouco prováveis ou mais difíceis de se realizarem”. Nesses debates que ocorrem na internet o que vemos, muitas vezes, é um aprofundamento de questões que não teriam como ser dissecadas com tamanha pluralidade em outros meios. A acessibilidade, para que se possa ver o que o que pessoas do mundo todo escrevem, e a permanência, que se refere à longa duração com que os textos escritos ficam disponíveis na internet, são os aspectos enunciados por Shirky (2010) que fazem da internet um espaço propício para que os sujeitos se reúnam em prol de um objetivo comum.

Dessa forma, a internet concede arenas discursivas para pautas e vozes de pessoas marginalizadas que têm muito a acrescentar com suas experiências, mas não encontram espaço em mídias massivas. Além disso, é na prática de compartilhar conhecimentos, no confronto argumentativo, no encontro com o diverso, no refletir sobre a ação política e a vida social que os sujeitos vão se formando como seres da palavra, como agentes do discurso. Nessa prática social da conversação sobre política sociabilidades são formadas e os sentidos sobre a realidade são expandidos.

4. Conclusão

Não raro, se ouvem críticas sobre quão raivosos e infrutíferos podem ser os comentários que circulam na internet, o que de fato é verdade. Entretanto, é preciso ressaltar também que a possibilidade de cada pessoa expor outros pontos de vista sobre o assunto abordado enriquece as narrativas.

Ao realizar a leitura de um texto (em sites de revistas, jornais ou blogs) ou após a assistência de um vídeo, por vezes concordamos ou discordamos de imediato dos argumentos expostos pelo enunciador de tais narrativas. Ocorre que, ao nos depararmos com os comentários postados por outros sujeitos, tantas vezes, somos despertados para questões que não havíamos atentado durante a leitura ou assistência do enunciado inicial. Nesse processo, nossas noções sobre o mundo entram em confronto não apenas com uma visão, mas com uma polifonia delas. Vários ângulos de um mesmo assunto têm a possibilidade de ser apresentados e os sentidos sobre a realidade podem ser ampliados, desde que se esteja aberto a isso.

Desse modo, entendemos que os comentários permitem o desdobramento das narrativas sobre a vida social e política. Nas conversações estabelecidas na internet são apresentados: experiências de vida que confrontam o enunciado inicial e talvez possam nos fazer olhar de outro modo para a questão proposta; aspectos diversos que compõem o mesmo fato; ou até mesmo outros argumentos que, não obstante, nos conduzem a reafirmar nossa posição inicial. Destacamos ainda os comentários que discorrem noções sobre política, assunto que desperta tantas paixões e conflitos, por entender que neles noções referentes à vida em sociedade podem circular e ser ampliados.

Bibliografia

ALTHEMAN, Francine; MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. *O potencial deliberativo de conversações políticas sobre o Projeto de Lei do Ato Médico no Youtube*. In: **Revista Compolítica**, n. 3, vol. 1, ed. janeiro-junho, ano 2013. Rio de Janeiro: Compolítica, 2013.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

BRAGA, Adriana A. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. **Desigualdade & diversidade**, v. 9, p. 95-104, 2011.



CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1.ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARLÓN, Mario. Contrato de fundação, poder e midiaticização: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 107-126, jan./jun. 2013.

COELHO, M. G. P.; LEMOS, D. D. Metáforas do rolezinho: preconceito e estranhamento nas representações em redes sobre o #Protesto-dosPintas. In: **ANAIS DO ENCONTRO DA COMPÓS**. 23. 2014, Belém.

DELARBRE, R. T. A Internet como Expressão e Extensão do Espaço Público. **Revista Matrizes**, v. 2, n. 2, 2009.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **A convergência dos campos: encontros e confrontos entre comunicação e política**. (online) Texto cedido pelo autor, 2013.

GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, Nº 27, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

MARQUES, Ângela. A conversação informal na internet: aspectos afetivos e políticos. In: **ANAIS DO ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 18. Belo Horizonte, jun. 2009.

MARQUES, Francisco. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, 2006.

PAPACHARISSI, Z. The Virtual Sphere: the Internet as a Public Sphere. In: **New Media & Society**, Londres, v. 4, n. 1, p. 9-27, 2002.

SENNET, Richard. **Juntos: os rituais os prazeres e a política da cooperação**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: Criatividade e generosidade no mundo conectado**. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois: uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____, Dominique 1947. **Pensar a comunicação**. Brasília: Edunb, 2004.